

# ***PALAVRAS NÓMADAS,*** **DE DORA NUNES GAGO**

## A vida nos interstícios da literatura e das viagens

Sandra Sousa

MAIS UMA VEZ vejo-me tentada a alinhar umas linhas, passo o pleonasma, sobre a obra de Dora Nunes Gago. Escritora prolífica, depois do livro de contos *Floriram por engano as rosas bravas* (2022), surge-nos *Palavras Nômadadas* (2023), prefaciado por Onésimo Teotónio Almeida, um prazeroso livro de crónicas que nos recordam como a vida pode ser tecida nesses interstícios da literatura e das deambulações que se fazem por vários continentes.

A autora dispensa apresentações, mas deixo aqui uma breve biografia para aqueles que ainda não tiveram o prazer de se aventurar, diria mesmo viajar, pela sua obra. Doutorada em Línguas e Literaturas Românicas Comparadas pela Universidade Nova de Lisboa, Dora Nunes Gago leccionou durante dez anos e até ao Verão de 2022, na Universidade de Macau. Este espaço não é gratuito na sua escrita ficcional assim como outros que percorreu durante a sua carreira académica. Foi ainda Leitora no Uruguai e professora visitante nos Estados Unidos da América.

A sua produção académica é abundante, com ensaios em diversas revistas académicas e capítulos de livros, de onde se destacam os seus livros ensaísticos *Imagens do Estrangeiro no Diário de Miguel Torça* (2008) e *Uma Cartografia do Olhar* (2020). A sua estreia na poesia e na ficção acontece com a publicação de *Planície de Memória* em 1996. Em 2004, em coautoria com Arlinda Mártires publica *Sete Histórias de Gatos*. Três anos mais tarde, lança *A Sul da Escrita* (2007). Nos anos seguintes, lança mais três livros: *As Duas Faces do Dia* (2013), *Travessias-Contos Migratórios* (2014) e *Matéria dos Sonhos* (2015). Como já anunciado, publica em 2022, *Floriram por engano as rosas bravas*. Em 2006, Dora Nunes Gago é galardoada com o Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca, tendo a sua carreira literária sido alvo de outras distinções.

Sabemos que a crónica é o género narrativo que mais se aproxima da relação entre escrita e vida. As crónicas são um espaço de imaginação, de aprendizagem e experimentação criativa, de liberdade de pensamento e expressão. O escritor brasileiro Fernando Sabino definiu a crónica do seguinte modo: “A crônica é algo para ser lido enquanto se toma o café da manhã, pois ela busca o pitoresco ou o irrisório no cotidiano de cada um. É o fato miúdo: a notícia em que ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nessa perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança, ou

num incidente doméstico, torno-me simples espectador.” Penso que Dora Gago se poderia rever nestas palavras quando se debate na última crónica do livro intitulada “Um nó para atar a vida”—sim, começo, de forma inesperada, pelo fim—sobre que rótulo dar a “estes farrapos de vida” (204). Se estes textos são uma forma, como afirma a autora, de encontrar “o nó para atar a vida, impedindo que ela se desfaça num caos emaranhado de linhas revoltas” (205), eles não deixam de corresponder a essa urgência profunda de contar o que parece simples a olho nu, esse quotidiano humano, mas que se reveste de uma complexidade maior. Afinal, a palavra-chave aqui é “humano.” A autora usa a palavra “híbrido” na sua reflexão sobre como nomear os seus textos, definição frequentemente usada para caracterizar o género da crónica, apontado como um problema: o facto de se apoiar nesse discurso “onde cabe tudo o que não encaixa em lado nenhum” (Gago 204). São várias as definições desta narrativa breve e todas elas se complementam. No *Dicionário de Estudos Narrativos* (2018) também Carlos Reis define a crónica como “género narrativo em que se relata, de forma breve e em termos subjetivos, um episódio singular, um incidente ou uma ação observados no quotidiano do cronista; para além de traduzir uma certa temporalidade histórica (...) e uma circunstância de experiência pessoal, a crónica visa normalmente o público alargado da imprensa escrita, da rádio, da televisão ou das redes sociais” (69). Do mesmo modo, Susana Rotker, em *La invención de la crónica* (2005), também o faz, ao afirmar que

a crónica é um texto híbrido, marginalizado e marginal, “que normalmente não é levado a sério nem pela instituição literária nem pela jornalística, em ambos os casos pela mesma razão: o facto de não estar definitivamente dentro de nenhum deles” (225). No entanto, parece-me necessário começarmos a indagar sobre as razões que nos levam a rotular a crónica como “género menor” uma vez que ela nos oferece mais do que queremos aceitar se a considerarmos como fragmentos de um romance que é a vida de todos nós e a fonte de inspiração para os “géneros superiores.” Na realidade, nas crónicas de Dora Gago, encontramos páginas e passagens dotadas de verdadeira e rica poesia. O texto “Crónica de uma peste anunciada” é disso exemplo. Embora relatando a peste do Covid 19 que a todos, sem excepção, afectou, termina de forma simples e bela: “Tempo de ser flor de lótus a germinar no pântano de todos os medos e incertezas” (141). E poderia dar outros exemplos, mas deixo apenas mais um, encontrado na crónica “Em Amherst: no universo de Emily Dickinson”: “Ignoro as profundezas do sonho que se desenha com o sangue e o suor do corpo e da alma, convertido em carne e depois sombra. Não conheço sequer o frescimo da ascensão, o sabor agridoce da vitória arrancado da boca pelo alicate da impossibilidade. Habita-me a ingenuidade do olhar inaugural, único de quem ignora que haverá outras vezes, outras experiências” (35).

As crónicas aqui reunidas, e fiquemos por essa denominação, sem medos de desvalorizações desnecessárias, são não apenas de

prazerosa leitura, mas uma viagem na qual o leitor pode entrar de mãos dadas com a autora. E esta viagem não se limita apenas aos espaços físicos que Dora Gago palmilhou de mochila às costas pelos quatro cantos do mundo, mas a uma viagem ao universo literário que sempre a acompanha e ao interior da narradora, que é também um convite aos caminhos existenciais de cada um. Tal como no caso de Emily Dickinson, somos alertados pela voz de Dora Gago, de que, por vezes, “Não precis[amos] de mais nada” (34). Dickinson, “Não calcorreou outros continentes nem culturas, como tantos fazem constantemente, muitas vezes em busca daquilo que têm atrás da porta, ou num lugar recôndito de si próprios, mas não se apercebem” (34). São crónicas que nos levam pelos trilhos da vida e nos obrigam a parar e reflectir sobre a direcção das nossas decisões no mundo em que vivemos, tanto a nível pessoal como global.

*Palavras nómadas* é igualmente um livro de memórias—porventura poderíamos criar um novo género, o da “crónica-memória” ou “cromemória”—como se anuncia logo na crónica de abertura “Voo para um novo tempo”; esse tempo em que se pode demarcar o início de uma travessia de duas décadas de deambulações pelo mundo, a viagem para Montevideu onde se encontrava à sua espera o futuro, uma carreira de professora-mundo. Como (quase) todas as viagens iniciáticas ou não, esta crónica serve de preâmbulo para as que se seguem: os encontros e desencontros da vida, as situações inesperadas, enfim, para tudo

aquilo de que se tecem os percursos pelas estradas, de terra, mar ou ar, que os pés que se atrevem a caminhar delineiam. Com ela percorremos esse caminho pelos recônditos da memória, dos episódios que teimam em vir à tona, provavelmente os que mais a marcaram, e que não podiam descansar enquanto não repousassem na página de papel.

Com um olhar e sensibilidade agudas, para além de um pensamento profundo, a que pouco parece escapar, Dora Gago oferece ao leitor a dádiva das suas crónicas, o que implica dizer, a dádiva de si mesma. E essa é ainda a oferta de um mundo interior rico em literatura, de escritores de impriscindível leitura: Orhan Pamuk, Emily Dickinson, Pearl S. Buck, Camilo Pessanha, Maria Ondina Braga, Jorge de Sena, Miguel Torga, Galeano, Kundera, V. S. Naipaul, Lídia Jorge, Garcia Márquez, José Rodrigues Miguéis, H. P. Lovecraft, para nomear apenas alguns da extensa lista de companheiros da escritora. E se na primeira crónica, Dora Gago “nada mais encontra entre os bolsos de pano. Nem uma agulha, nem uma linha para coser, para unir as incertezas da [sua] alma dispersa” (15), no final do livro, tudo se encaixa, ou se cose, pela descoberta de que “a cartografia do nosso mundo é desenhada pelo mapa dos afectos” (206).